

LABIRINTO

Livro 105

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



TODOS DESABITADOS

Feito de ilusões, incompatível com qualquer presença, o cenário social onde estou parece algo irreal, algum encontro será uma surpresa, uma coincidência, caçam as presas, comem os frutos, todos alimentados como horda, ninguém pensa no outro, todos rezam por si mesmos, flutuam os couros, lambem a boca imperante, sem propriedade, multiplicando os corpos, as funções, ninguém tem face, até chegar a ausência total do indivíduo. São seres complexos, sem nome, sem reações, caras anônimas, orgasmos indiferenciados, unidos pela evidência do uso posto que suas vidas pertencem a todos, se entretêm nos detalhes, nenhum rigor, aumentam o volume, tomam mais uma, olham na mão algo que lhes imita relações.

Não há medidor de solidariedade entre o que ri de alegria ou de euforia, nem o que está ou se foi, porque as presenças são tão efêmeras que não alcançam fazê-las presentes. O tempo vence o espaço, tudo é escasso, o momento, a obrigação, o compromisso, a memória, a diferença entre esse e aquele, o ontem e o hoje é tão pequena que nem se percebe. Não há agregados outros que os medos e os esquecimentos, há dispersões do

belo, do verdadeiro, há provocação, há um otimismo eufórico não lhe dá nenhuma sustentação ao gosto de manter alguma hospitalidade, alguma memória para lembrar de pelo menos um nome, um olhar. Tudo e todos desabitados.



DE ALGUMA FORMA

Excluo um incômodo indesejável. Quando contra a minha vontade, algum infortúnio presume que eu aceito enganos e categorias, acabo agrupado aos que se satisfazem com conhecimentos superficiais que me mandar ficar calar-a-boca e fingir-que-não-é-comigo. Se essas atitudes não me matarem antes do tempo, se essa terra não me comer, sobreviverei de alguma forma.

PASSAR A LIMPO

Gostaria de ter cuidados recebidos como criança, a certeza do abraço que não treme ou hesita, que provém da entrega, que me olha e para desenhar um mapa das minhas necessidades. Dói o medo, de que eu não consigo entender, dói o mundo que complica e esconde sua intenção, o próximo lugar, filtro o novo desconhecido. Luto, tento compreender o rascunho, passar a limpo acompanhado de alguma alegre companhia, segura e adulta companhia.



REPETIÇÃO

Perco interesse naquilo que invisto como uma repetição.
Um suspiro de alívio anula a dor ofertada.

PROFUNDOS PESARES

Profundos pesares forjam temores. Localizado na fragilidade temporária, não sei fazer frente ao risco que anda livre, invadindo pessoas e coisas determinado que morram de mortes precoces, regulares, sem espanto, como condenados sem reversão, sem sentido, estabilizados no pior apesar de todos os pedidos.



DORES

Sinto uma dor imensa e bruta, dissimulada pelo medo de atrair algo pior referido aos processos interrompidos, aqueles que subtraem vidas, oportunidades.

Tu e o amor que te tenho nunca se dão o suficiente. Apesar de todos os pedidos, de todas as fugas evitadas, os afetos se esquivam da decepção que lhes tira a urgência da existência, e assustados, acabam usados em solenes despedidas rivalizadas, desviada do amor que outrora os convocava.

PROMOTORES DE ESPANTOS

Cobro-me forças para apetecer a festa e o prazer, sinto os suores embriagados pelo vinho. O corpo e a alma cordialmente oferecidos se entregam para viver o melhor que dá cor a todos os meus sonhos. Pronto para interessar uma repetição consentida, me converto em promotor de espantos, viajando por tuas estrelas, silhueta e tatuagens em direção a teus pontos fracos, entro no teu colo convencido de provocar-te novas sensações. Insisto nessas tentativas de me aproximar de tuas fendas, as deposito na minha solidão para fazer-me companhia. Nossos corpos sitiados se encarregam de legitimar o alvoroço trazido pela alegria e pelo prazer. Bebo todas as vantagens de produzir-te ecos, reincidimos nas carícias, nos gemidos, nos gozos continuados incluindo o agasalho, o segredo e a liberdade que cordialmente agradecidos vivem conosco o melhor deixando um prenúncio de saudades.

BEIJO ESCRITO

Nesse labirinto meus medos se escondem atrás das minhas costas, dos meus cotovelos, nos meus calcanhares, fazendo-me doer por inteiro quando de ti sinto saudades. Quais critérios trocam meu sentir pela tua falta de amor. Como um supremo prêmio, deixaste um beijo escrito numa nota de despedida que nunca li. Não foi possível, francamente necessito respostas, busco sossego, sem olhar para cima ou para baixo, duro é manter a cabeça erguida quando me falta sentido para todos os absurdos que comoventemente transformei em lembranças doces, elas voam como pássaros por cima da minha realidade e pousam como mariposa no doce olhar que finjo ao te encontrar.

SUFICIENTE

Essa singular coincidência de comparar diferenças me fez encontrar um personagem que vivia rondando os telhados em meus fins de semana inverniais e minhas noites vazias. A alma mal vestida estreitava pedidos, quase esmolas. Atrevidas, as minhas carências tentaram entrar na tua vida buscando ar na tua respiração e sangue iniciante para meu corpo cansado de notícias e decepções.

Embora nenhum de nós tenha dito uma só palavra, houve o suficiente para dizer o necessário.



QUASE NATURAL

Traz mais o medo a declaração pública do amor que uma briga de rua, mais espanto uma declaração sincera e manifesta que uma ofensa declarada.

SOLIDÃO

Paro para descansar e o ar pesado adverte que pense acerca da tensão que precede os nossos encontros. Cada um constrói a realidade que precisa. Assim, rememoro os fatos que me convêm, as ideias preconcebidas que me facilitam tornar o mar doce e abreviar o uso da cautela. Despeço-me lentamente. Toco um prelúdio e teu rosto, assumo a despedida anteponho palavras a gestos, inverto a ordem. O espetáculo é singular, mas dei-me prazo para a conclusão. Marquei, apesar de não estar pronto, frequentar uma solidão escolhida.



SIMPLES FOTOS TANTAS MEMÓRIAS

Espero que me alcance viver o suficiente para montar uma alegoria. Quero demonstrar nessa singular procura a feliz iniciativa. Sendo agente e participante, induzo uma busca ao passado. Busco viver poucas vezes acompanhado, já que intimidade e segurança não andam juntas. A pressa contradiz o tempo do prazer, que

necessita tempo para viver. Restauro discretamente a vontade, fortifico os méritos que a curiosidade explora. Acrescento mais um gozo. Contrário as dúvidas, torna assíduo o desejo como um combatente a enfrentar as decepções. Causar espanto é um convite menor a passar o resto da vida conversando a esse respeito e solicitando mais testemunhas. Aquelas das fotos são memória viva.

Não sei se é útil incluir uma testemunha que me devolva à sensatez, inspirar novas tranquilidades, fazer novas recomendações sem exigir-me recompensas. Esquecer nunca foi meu propósito.



SAUDADES DE MIM

Tenho saudades de mim, daquele corpo simples que não precisava cuidar de forma e peso, nem alegar dores, e que hoje, rendido ao tempo, ao uso, cansado, me faz sombra. Abafo, enquanto posso, os gritos que me pedem saída da garganta inquieta, puxo do fundo dos olhos uma retina cansada, numa fatalidade

caprichosa, a reconhecer as privações. Salva-se o ânimo que se deleita com novas conquistas. Ponho em ordem a prosa, as gavetas entulhadas, a errônea forma do meu abdômen crescer. Novos sinais esboçando um prelúdio desconforme examinam minha paciência. Tenho notícias que me igualam aos demais, reduzo a silêncio as minhas.



ENTRE O BARRO E O ABANDONO

Paro no extremo topo, vejo a cena que dali se descortina, enxergo telhados enxertados, roupas no varal, uma água de esgoto corrente como um rio negro, gritos de medo, choros desconsolados, uma menina perdida enxugando as lágrimas e pedindo por sua mãe, um ônibus que fura o sinal, vendedores ambulantes, uma ambulância que vazia que vara a rua gritando uma urgência que não tem. Vejo a superfície da rua com a cor incerta entre o barro e o abandono que envolve tanta gente.

TESTEMUNHA

Sou receptor do cuidado que, saindo fresco, transita, introduzindo uma inusitada delicadeza pela minha pele afora, atrás do caminho que cruza a montanha, o rio.



BEIJOS ADIADOS

Amontoei beijos adiados, lamentos encravados, uma enorme vida que serve de motivação para alguma diversão íntima, assim dói menos. Amparo necessidades, porto vantagens, me desapego do impulso de ser triste, renovo a versão por onde escoam meus sonhos.

O ISOLAMENTO

Afora a obrigação, excluídos os escrúpulos, reunidos para poupar-nos e permitir-nos experiências, pensamos sair dali imunes. Facilitamos a confusão, a incompetência, a inabilidade de uns com os outros. Convocados como testemunhas, já não toleramos o isolamento, a partir das intimidades não oferecidas. A opinião mais ampla submergiu ao escândalo, com invasores, deveríamos interpretar uma conivência impossível que nos fizesse sair dali com marcas de melhora. Nada sabíamos da abstenção do alimento animal, os ritos mais puros da preservação deram prioridade à animalidade obscura que ocupou o lugar da pureza.



AO FUTURO

Em direção ao futuro nada mais concreto do que o presente. O sonho que abrigava as utopias nostálgicas feriu-nos na aventura mal sucedida. Ainda que ajustássemos um retorno à natureza, graças à euforia acabou-se a procura, ficou impossível o estado de humanidade, substituímos o amor que guarda o principal, iniciamos os combates.

APEGO

A história do apego, da amamentação da paciência esperada, da mediação -destacadas nas gravidezes – é posta nas mãos das mulheres. Para falarmos de qualidade de vida e retomada dos valores é indispensável que se retomem e se requalifiquem esses valores e sua importância para o futuro da humanidade.



AMORES PARA SEMPRE E AMORES DE OCASIÃO

Uma distinção entre amores com raízes e amores ocasionais resulta da diferença de expectativas entre um e outro. O desejar estender o interesse de um instante de prazer requer um investimento de características de expectativas entre um e outro. O desejar estender o interesse de um instante de prazer a uma manutenção do prazer requer um investimento de características com baixa volatilidade e com satisfação no sossego do familiar, do lareiro. Alcançar um ou outro propósito dependerá de modelos de identificação previamente adquiridos, geralmente nos modelos familiares ou na vida extra familiar de cada participante da experiência amorosa.

SOBRE A DOAÇÃO

Sobre a doação, a partilha e da hospitalidade, é curioso o que ocorre na vida animal. Cito o aprendido nos estudos de Etologia: “Na Georgia do Sul, em uma única ilha vivem 400 mil pinguins; desses 150 mil chocando ovos -no peito do pé. Durante 67 dias, eles sustentam delicadamente um ovo em cima da pata e o aquecem e protegem com uma espécie de bolsa de penas que cai da sua barriga. A certa altura, o marido gentilmente vem substituir a mulher, que sai para nadar e comer alguma coisa. Ao voltar, para ser reconhecida entre 150 mil casais, ela canta e faz danças que equivalem a uma senha que só o casal reconhece. Se o pinguim entregar o ovo para a fêmea equivocada, desequilibra o sistema todo...Outra emoção única na Georgia do Sul é ver o Albatroz-errante chocando. Com seus 3,3 m. de envergadura, é a maior ave marinha que existe, praticamente um planador. Durante um ano e meio fica ali no ninho, entre rochas e gramíneas, cuidando de sua cria. Quando este deixa o ninho, passa cinco anos voando sem tocar terra firme, dá várias voltas ao mundo, dorme voando, se alimenta no mar. Só volta a ilha para reproduzir.

ATROPELANDO DESTINOS

A perpetuação da miséria, o desamparo, a pobreza e a exclusão social são formas de matança, são genocídios, são filicídios, são desumanidades autorizadas por uma elite educada que as mantém. A manipulação dos grupos humanos gerando fenômenos de massa como esse são frequentes. Somente a solidariedade dos grupos que criam redes podem neutralizar esta globalização do menosprezo que determina e atropela os destinos desta parte da humanidade.



AUSÊNCIA DE SONHOS

A ausência de sonhos defino como uma patologia da ambição. Quando alguém perde a capacidade de sonhar é porque renunciou a autodeterminação de sua vida. A colonização do outro se dá por invasões mal disfarçadas de educação coletiva e formal. Para isso se usam armas ideológicas do convencimento que manipula saberes que mitificam o supérfluo e condenam as virtudes à categoria de um objeto de consumo protegida por alguns menosprezados chamados de sonhadores e utópicos.

INCAPACITADOS

Aqueles que acreditam na esperança são tratados por esse modelo como Incapacitados sociais porque acreditam em seus direitos e desafiam as populações que só pensam em ganâncias, vivem de manipular a todos.



UMA DIMENSÃO

A dimensão do homem que sofre de esperanças, ainda que o queiram transformar em idiota passivo, envergonhado de ser portador da indignação, lhes tratam com preconceitos e indiferença porque eles falam em voz alta, aquilo que os demais querem fazer calar. Esse sonhador, é blindado, inventa a resistência e volta cada vez mais imune como o homem da tolerância que cria e recria a luta. Ele tem o dom de suportar e ter paciência (como afirmam os expatriados palestinos). Treinou para exercer a recusa ao servir, sua ruptura com a servidão lhe permite tomar a vida suportável já que o provisório ocupa o lugar do durável.

MATANÇA DIÁRIA

A pobreza e a humilhação diárias são dolorosas. Comparado com as guerras essa matança diária deixa marcas inesquecíveis. Trata-se de crimes contra a humanidade. Vivem da recusa do outro em considerá-los gente-como-a gente. São consideráveis imbecis, corrompidos em seus direitos e exigidos a cumprir a todos os deveres. Essa pobreza vergonhosamente imposta aos habitantes de excluídos do planeta, é como uma faca cravada nas costas., resultam de dívidas e saques feitos por governantes vende-pátrias e países assaltantes e que cada pessoa acostumou a levar como parte da anatomia, se fez parte da pele morena castigada por negra e indígena ou sadias miscigenações. Esses excluídos querem somente ter uma vida, viver uma vida. Entretanto se lhes nega o direito a viver. Curiosamente eles criam resistência ao vírus do abandono e do pouco caso que se lhes faz e seguem resistentes aumentando o impasse da diferença de classes e oportunidades. Aumentam o número de filhos como se defendendo da tentativa genocida de extermínio.

INVENTORES DE RESISTÊNCIA

Inventores de um espírito de resistência à injustiça, dessa forma criam memórias que lhes sigam identificando com seus referenciais históricos, escapam ao memoricídio (termo usado por Christian Salmón: em Sabreen ou a paciência, no livro Viagem à Palestina, Págs.100-101.Ed. Ediouro, Brasil, 2004): “A paisagem é um espaço de sinais e pontos de referência. Uma página que se pode ler, na qual se pode reconhecer uma história. A primeira coisa que choca e maltrata o olhar quando se chega na Palestina é a mistura generalizada da paisagem. Perda de referências. Desorientação. O que se vê em ação ou em via de constituição não é a criação de um acordo comum de um Estado (palestino) ou binacional, o de dois Estados (israelense e palestino), mas o desmoronar da paisagem, a dissolução da paisagem. A abolição do território...

Não é a primeira vez que rebatizamos os lugares. Que substituem o nome de uma rua ou de uma cidade por outro. Que desfazem e refazem os acidentes geográficos. Na Bósnia, chama a isso de memoricídio. Porém aqui não se contentam em mudar os nomes. Desfazem os lugares. Florestas, Colinas e Estradas...É

o próprio território que é objeto da desfiguração. A geografia, dizem, serve, primeiramente para fazer a guerra. Na Palestina, a guerra serve sobretudo para desfazer a geografia.”



A DESFIGURAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE OCUPAÇÃO

A desfiguração é uma estratégia de países e de elites interessadas em desocupar o lugar de pertinência dos menos favorecidos. São formas sutis de apropriação indevida do direito do outro. Porém isto feito de uma forma tão sutil que o colonizado, ainda que expatriado de seu território e seus direitos não sabe disso, pensa que é assim mesmo e que não teve sorte na vida e que não se lhes deram oportunidades pelo acaso, ou porque melancolicamente crê que não o merecem. Ocupa-se todo o referencial, alcançando apropriar-se do espaço e do tempo excluído.

FAÇO LEMBRAR

Faço lembrar que cresce a pobreza, a discriminação e a miséria no mundo inteiro. esta condição impõe vicissitudes no comportamento dos grupos humanos. Cresce a força do trabalho alternativo criando-se uma enorme economia informal. A união pela supervivência trouxe um incremento da capacidade de amar na adversidade, e curiosamente, al contrário do que se vê na classe média, entre os pobres e os miseráveis há uma primazia do bem-estar do grupo sobre o bem-estar individual.



CONOCER OS EXCLUIDOS

Conhecer os absolutamente excluídos e vitimizados, os sem saída, esses e outros como os camponeses, exilados, refugiados, gentes simples, populações pobres expulsados, curiosamente mobilizam a alma e a criatividade, permitem uma arqueologia da partilha e das saídas solidárias, faz muito esquecidas pela elite educada que se refugia detrás das grades evitando o vizinho.

DE VEZ EM QUANDO

De vez em quando, coisas que aparecem, confirmando que alguém mostra o valor do ser humano como o capital mais valorizado, ainda que situações simples, significam que pelo menos se tenha organizado uma rede entre duas pessoas ou mais, redes de solidariedade com crianças e adolescentes e seus pais, ou substitutos que cumpram com essa tarefa de apresentar-lhes o Amor. Não seria esse o papel fundamental que nos organiza? Começo a crer que sim, nos passamos a vida inteira por isso, ainda que sem nos dar conta.



DESPOSSUÍDOS

Como criar-se para os desesperançados redes de ligação com a vida? Que questão? Pois ela transcende ideologias, o mensurável e o considerável da vida que vivemos e nos acostumamos a aceitar. Chega às fronteiras da miséria incorporada promovendo

categorias para a depressão, que vai mais fundo que a construção cinza da patologia individual e pessoal, ela atinge lugares sociais e constantemente avisa todos os dias para esse grupo de desenganados que existe a exclusão e a não esperança. São humanos excedentes aos quais ninguém dá importância, e o pior, se sabe que nunca irão dar, são sobrantes do capitalismo selvagem. É um povo não computado, despossuído de qualquer traço de identidade, aculturado, sem nome e sobrenome, discriminado, desativado.



Roberto Curi Hallal

